

Os corpos femininos na literatura das obras *O Planeta dos Macacos* e *Saboroso Cadáver*

Ânderson Martins Pereira¹

Luiza Prates dos Santos²

Juliana de Lima Vijande³

Resumo

O intuito do presente artigo é estabelecer uma relação entre os romances *O Planeta dos Macacos* (2015 [1963]), de Pierre Boulle e *Saboroso Cadáver* (2022), de Agustina Bazterrica. A obra de Boulle versa sobre questões de desumanização e subalternização e calca esse fazer objetificante ao logos. A aproximação feita demonstra que essa discussão é atualizada por Bazterrica, já que essa propõe uma releitura do lugar ocupado pelo feminino, bem como das questões morais relacionadas à racionalidade e a desumanização, ponto de partida desta análise. O interessante desse cotejo é que a subserviência e a exclusão do feminino como ser racional e dotado de “alma” denunciados por *Saboroso cadáver* está presente também em *O Planeta dos Macacos*, porém de forma naturalizada. Assim, essa análise parte de um estudo analítico e comparatista para pensar o tropo da desumanização atrelado ao feminino, nas personagens “Nova” e “Jazmín”. Como se verá, ambas as personagens tornam-se objetos em uma lógica que legitima o ser que possui o controle a partir de uma noção abstrata de racionalidade. Ademais, sua desumanização está também atrelada a mecanismos de produção e a maternidade.

Palavras-chave: Desumanização. Feminino. Distopia. Racionalidade. Maternidade

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i2.16403>

¹ Possui graduação em Licenciatura em letras pela Universidade Federal do Pampa (2012) e especialização em Linguagem e docência (2014), pela mesma instituição. Atualmente é bolsista do programa de Mestrado da Universidade Federal de Pelotas(2015) na área de Literatura comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: novas mídias, identidade, distopia, inglês e pós-modernidade. <https://orcid.org/0000-0003-2667-8891> E-mail: andersonmartinsp@gmail.com

² Possui graduação no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa em Literatura, Cultura e Tradução e doutoranda em Letras pela mesma linha de pesquisa. Membro do Grupo de Pesquisa Ficção Brasileira no Século XXI, participante dos Projetos de Pesquisa Ficção Brasileira no Século XXI - intertextualidade e interdiscursividade e Publicações periódicas latino-americanas em alguns momentos do século XX. <https://orcid.org/0000-0001-7144-3982> E-mail: lupsprates@gmail.com

³ Acadêmica em Medicina veterinária na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Técnica em Agropecuária no IFFar- campus Alegrete. Membro do projeto Clube de Leitura de distopia do campus iffar Alegrete. Participante do projeto RELATOS do IFFar campus Alegrete. Atua no comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa. <https://orcid.org/0009-0002-4949-194X> E-mail: julianalimavijande@gmail.com

Considerações iniciais

A presença do tropo de desumanização tem ganhado força na literatura ao decorrer do tempo. Ainda que ela não se coloque claramente em alguns textos, estando subentendida ou mesmo naturalizada socialmente, ela está lá, sendo necessário para percebê-la, uma leitura atenta e ou um olhar desconstrutivista, abordagem que questiona naturalizações que possuem o estatuto de verdade. Para Jacques Derrida (1973) a substância fundamental do desconstrutivismo é o questionamento sobre a linearidade das coisas e uma revisão de ideias concretizadas no imaginário social, acolhendo outras maneiras de enxergar o mundo. Essa temática se faz presente no entendimento de que a literatura possibilita uma leitura de mundo, estabelecendo conexões entre o fictício e a sociedade que o concebe. Nesse sentido, um gênero que se coloca de modo pungente na discussão da realidade, é a distopia. A distopia, em geral, busca denunciar males sociais e representa em algumas de suas narrativas a desumanização. Contudo, como possibilidades de representação social, as distopias retratam uma sociedade a partir de um ponto de vista histórico, subjetivo e muitas vezes embebido no sistema patriarcal e capitalista, nos quais autores de renome do gênero estavam inseridos.

Nesse sentido, a ideia de sofrimento e de desumanização está atrelada à figura do masculino, uma vez que, como salienta Rita Schmidt (2017), o feminino não é constituído de uma mesma humanidade, recebendo, pois, uma alma inferior. Logo, a objetificação do feminino não é lida como desumanização ou é, ao menos suavizada. Essa perspectiva é interessante, pois a arte e, por extensão a literatura tendem a se ocupar de discussões metafísicas a respeito do conceito de humano, todavia, diferente do discurso da cultura, percebe-se que o ideal de humano e a existência de uma alma é algo associado ao masculino.

Os homens sofrem, pois são dotados de alma. A alma, por sua vez, é um caminho do *logos*, que atribui aos homens a consciência do que se passa no mundo, é através dela que se legitima o sofrer. Sendo a mulher historicamente retirada da esfera da racionalidade e relegada à natureza, como se verá nas próximas seções, o sujeito mulher é passível de objetificação, o qual é acertadamente inserido em obras que buscam, primordialmente, refletir acerca da experiência humana e da pertinência da noção de uma possível essência que legitima a maneira como a sociedade se constrói e ratifica a soberania de certos grupos.

A partir de uma revisão de literatura, encontra-se em dois romances a possibilidade de analisar a maneira como o corpo feminino é tratado e como ele se coloca/é colocado nas dicotomias humanidade/animal, produtor/produto e consumidor/consumido. À guisa de comparação, busca-se em uma escritora latino americana ideias que anteriormente foram postuladas, em parte, por um escritor francês, autores com contextos

sociais e temporais muito diferentes, mas que possuem em comum algumas preocupações que aproximam suas narrativas. As obras em questão, que servem como solo para esta análise, são *O Planeta dos Macacos* (2015 [1963]) e *Saboroso Cadáver* (2022), dois romances que estruturam sua narrativa partindo do pressuposto de uma superioridade intelectual ou capital, noções atravessadas por uma ideia de poder que evidencia questões de classe, gênero, raça e espécie.

Em *Saboroso Cadáver* (2022), há uma sociedade onde os animais foram contaminados por um vírus que torna letal o consumo de sua carne para os seres humanos, começa a ser produzido um tipo de carne especial para substituir a dos animais. Agora se consomem pessoas. Esses corpos são produzidos em laboratório e comercializados em cortes especiais. Marco Teje, que é um funcionário de um frigorífico, ganha uma cabeça, uma fêmea que foi produzida em laboratório, a qual ele nomeia de Jazmín. A personagem serviria para o abate e consumo, mas Marco cria afeição e estabelece um relacionamento com ela, algo que é extremamente proibido, pois esses corpos não pertencem ao estatuto de humano e, pois, não podem ser tratados de outro modo que não um produto.

A obra da autora argentina reflete uma sociedade que legitima a utilização de certos corpos sob o pretexto da alimentação, criando humanos que, em tese, são *menos* humanos, seja por modificações genéticas, seja por intervenções hormonais, ambientais ou mesmo físicas, uma vez que esses corpos têm suas cordas vocais e, conseqüentemente, o direito da fala arrancado. A obra permeia questões de legitimação, uma vez que se inscreve na discussão de quais corpos detêm direito sobre quais corpos e o que reitera a possibilidade de subalternizar, animalizar e alimentar-se desse outro.

Essas considerações conduzem à discussão para a reflexão acerca de duas ideias que se tramam na obra de Bazterrica: (des)humanização e domesticação. Se, por um lado, há uma sociedade comprometida com o conforto humano ao desenvolver um produto para seu proveito; por outro, se apresenta a ideia de domesticação a partir do momento em que o protagonista “adota” a cabeça e a mantém viva. Essas duas ideias também fazem parte da segunda obra selecionada para este estudo, pois Boulle (2015) questiona, em sua narrativa, a relação entre o protagonista homem e a personagem feminina Nova, tida como “selvagem”.

Em *O Planeta dos Macacos* (2015[1963]), há uma narrativa que se passa em outro sistema solar, na qual os macacos dominam o mundo e os humanos perderam a racionalidade. Existe, portanto, uma inversão da organização entre espécies, na qual os seres humanos são exilados das cidades e se refugiaram nas selvas. São caçados por prazer e utilizados para experimentos científicos. Quando um grupo de astronautas nativos do planeta Terra pousa no planeta, descobrem que a espécie racional é outra e são

perseguidos pelos seus “superiores”. Em meio a isso, quando um dos astronauta, Ulysse, é capturado pelos macacos, ele conhece Nova, que é aprisionada junto com ele, e acaba despertando um carinho por esse ser “irracional”, mas, no fim, ela não passa de um objeto de satisfação carnal.

Nesse viés, parte-se de uma crítica ao logocentrismo e ao antropocentrismo nas obras mencionadas. Salienta-se o aporte desconstrutivista de Jacques Derrida (1973) que versa sobre logocentrismo, pois para o filósofo a razão é sempre logocêntrica ou seja, calca-se no próprio *logos* e concebe o mundo a partir deste. O termo logocentrismo é cunhado por Ludwig Klages nos anos de 1920 e se refere à tendência no pensamento ocidental de se colocar o *logos* (razão) como o centro de qualquer texto ou discurso. Derrida (1973), ao examinar historicamente a filosofia, denota uma busca humana incessante por uma “verdade” cunhada pela razão. Quando se faz referência ao logocentrismo, alude-se a esse entorno, buscando colocar a luz um pensamento antropocêntrico que se baseia no logocentrismo para estabelecer uma hierarquia que valoriza seres que possuem *logos* acima dos demais.

Com base nessas obras, esse trabalho busca fazer uma leitura analítica e crítica de *Planeta dos macacos* de Pierre Boulle (2015[1963]) e *Saboroso cadáver* (2022) de Agustina Bazterrica. Para este recorte, o olhar volta-se às mulheres representadas como personagens secundárias que ambas as obras trazem personagens que são desumanizadas ao ponto de serem consideradas apenas objetos de procriação, satisfação e alimento. Ainda que a desumanização seja empregada de modo amplo a toda a espécie humana, ela está mais presente na figura feminina a qual, em ambas as obras, é destituída daquilo que a insere na categoria sensível e passível de sofrimento, atribuindo aos homens o privilégio do questionamento filosófico e do sofrimento humano.

1 A territorialização do feminino na formação de um não-lugar

Os gêneros utopia e distopia estão intrinsecamente ligados e mesmo que, em algum sentido, eles sejam vistos como antagônicos, eles projetam um não-lugar, possibilidades sociais. No livro *Principles of hope: volume one*, Ernest Bloch (1995, p.55) atrela o ideal utópico com a noção de desejo e enfatiza que a aspiração envolvida na representação de uma sociedade perfeita é permeada pelo tempo, estabelecendo um espaço de desejo para que o proletário almeje, desejo esse, conduzido pela burguesia. O autor afirma que a utopia “mostra imagens desejosas no espelho, em um espelho embelezador que muitas vezes apenas reflete como a classe dominante deseja que os desejos dos fracos sejam”. (Bloch, 1995a, p. 14, tradução nossa). Abertamente marxista, Bloch mostra a importância do contexto social no desabrochar de desejos que irão materializar o lugar utópico. No

entanto, ele destaca a necessidade de pensar a luta de classes nessas narrativas, sugerindo que a definição de utopia é permeada pela manutenção do *status quo* dominante.

Esse princípio pode ser facilmente inferido nas primeiras utopias em termos de conservação da ordem patriarcal e de sua hierarquia, o que ocorre até mesmo em narrativas que afirmam se basear em princípios de igualdade. Essas narrativas de não-lugares do desejo são ocupadas por excelência pelo masculino, à guisa de ilustração, citaremos *A cidade do sol* de Tommaso Campanella (2008 [1602]).

Dentre as artes especulativas e mecânicas, comuns a homens e mulheres, há uma distinção, ou seja: aquelas que exigem grande esforço e caminhada são realizadas pelos homens, como lavrar, semear, colher as frutas, apascentar as ovelhas, trabalhar na eira, fazer a vindima, etc. Costumam mandar as mulheres, no entanto, ordenhar o gado e fazer o queijo, ir às hortas em torno da cidade para recolher legumes e realizar serviços leves. (p.32)

No trecho acima, há um discurso igualitário facilmente reconhecido pela ideia de “comum a homens e mulheres”; tal discurso está alinhado à ideia de igualdade entre todos os cidadãos, característica marcadamente utópica. Porém, ao dividir o trabalho, podemos perceber que as atividades sociais são marcadas pelo gênero. A palavra “costumam” indica uma ideia tradicional, essencialista e limitadora para ambos os sexos. Um dos motivos para a negligência na revisão da hierarquia ligada ao gênero na obra é a religião e a ideia de “naturalidade” de tais convenções, o que vai ao encontro do quão intrínsecas essas relações de gênero eram àquelas sociedades que conceberam essas narrativas naquele momento (início do século XVII); outro motivo é que essas obras foram imaginadas por escritores do sexo masculino, cristãos e inseridos em um contexto estruturalmente patriarcal.

Nesse viés, Annette Kolodny (1975) discute a “Era das descobertas” não apenas como um período de fortes diferenças sociais e limitações de gênero, mas também aponta a colonização, uma marca desse período, como um processo marcadamente masculino de apropriação e objetificação do novo. A autora traça um paralelo entre a colonização e tomada do corpo feminino:

Implicito na metáfora da terra-mulher estava tanto a atração regressiva da contenção materna quanto o sedutor convite à afirmação sexual: se a Mãe exige passividade e ameaça a regressão, a Virgem aparentemente convida à afirmação sexual e aguarda a gravidez. (p. 67, tradução nossa)

Pode-se inferir que a “Era das descobertas” e a idealização de utopias possíveis historicamente é um processo permeado por um ideal patriarcal. E isso não se desconstrói quando se revisita as primeiras narrativas distópicas. Nelas, o feminino é visto não apenas

como coadjuvante, mas como uma ferramenta, uma parte da sociedade ainda mais objeto e abjeta, moldada não só para ser uma engrenagem da sociedade distópica, mas também para cumprir com as necessidades do sistema predominantemente masculino.

Isso pode ser observado em narrativas mais recentes, como em 1984 (1949) de George Orwell, percebemos que o fato de Julia fazer o que deseja e ir contra as convenções da sociedade distópica vigente é difícil de lidar para Winston, pois ele, mesmo sendo masculino, não possui tal coragem. Em sua fala: “eu detestava ver você – ele disse. Queria te estuprá-la e assassiná-la depois. Duas semanas atrás eu pensei seriamente em esmagar sua cabeça com um pedregulho.” (2021, p. 157) Na passagem, fica explícito que a personagem narra em tom de “brincadeira” a possibilidade de violência que ele, enquanto sujeito masculino, poderia causar e se coloca como sujeito ativo, buscando subalternizar Julia à passividade, notadamente atrelada a seu gênero nessa sociedade.

A partir do exposto, entende-se que textos que amparam este estudo não estão apenas associados ao controle social e a busca da obliteração da liberdade, mas discutem criticamente a centralidade da racionalidade enquanto ferramenta de criação e legitimação do controle, o que em última instância cria o espaço temporal distópico, principalmente ao feminino. Nesse viés, esse trabalho utiliza-se de teorias contemporâneas acerca da distopia, como as postas por Gregory Claeys (2017) que vão além da distopia enquanto representações atroztes da sociedade, mas que permitem que a discussão seja afiliada a questões perpendiculares como a desumanização, atrelada a abordagens mais contemporâneas da corporalidade, cara a essa análise.

Na contemporaneidade, a mulher tem feito parte da criação desses *não -lugares* distópicos, tem se colocado enquanto autora e também representado femininos que vão de encontro ao exposto ao *status quo*. Muitas narrativas da distopia contemporânea, posicionam-se como críticas e reposicionam o feminino trazendo-o como ativo e até revolucionário. Muitas narrativas, como as trilogias distópicas *Jogos Vorazes* (2008-2010), *Divergente* (2011-2013) e *Feios* (2005-2006), trazem personagens protagonistas femininas. Contudo, reflete-se sobre a questão de autoria, pois o recorte deste trabalho apresenta uma mulher escritora em que a personagem feminina não é a protagonista, mantendo o construto de que o homem é o centro da narrativa, como é comum e predominante na literatura.

Para as mulheres de todos os tempos e lugares, o mundo tem sido predominantemente distópico, uma vez que tem se configurado (de modo transcultural, hegemônico e histórico) como patriarcal. É de dentro dos mais variados contextos de supressão da voz e do desejo das mulheres que emerge o feminismo como força expressiva da insatisfação e catalisadora de mudança. (Cavalcanti; Deplagne, 2002, p. 9)

Assim, a partir da citação acima, pontua-se a relevância da escrita feminina na

representação de um espaço distópico realmente subversivo, pois ainda que Jazmín não seja a protagonista, e que tanto ela como a personagem Nova de Boulle estejam à margem (inclusive do que é ser um ser humano) a narrativa de Bazterrica reconfigura as questões que estão postas em termos de logocentrismo associado ao patriarcado e, como se verá, inscreve o feminino e sua maternidade em um texto que denuncia a posição subalterna e a marginalizada do corpo feminino.

2 “Ele se surpreende porque chama de carne a fêmea atordoada, não a chama de cabeça ou de produto”: O logocentrismo em um mundo masculino

A aproximação inicial entre Bazterrica e Boulle se dá através do logocentrismo. A narrativa de Boulle traz muito forte uma noção da razão como sendo a essência humana, a qual está atrelada a um valor intrínseco à espécie. O personagem protagonista de *O planeta dos Macacos* (2015[1963]), Ulysse, inscreve esse ideal no que chama de “alma” e é através desse conceito que ele vai balizar suas relações. Para Ulysse existe uma noção de alma que dá suporte para a subalternização de outros. A personagem acredita que, por ser racional, não está na esfera do animal e, portanto, não pode ser subalternizada.

A obra se inscreve em um ideal pós-humano, quando Ulysse acredita ver nos olhos de Zira, personagem símio feminino, a “alma”, ou seja, racionalidade. Essa noção do olhar remete a experiência narrada por Derrida, no texto *The animal therefore I am* (2008), de ter sido observado nu por seu gato. O filósofo se utiliza dessa cena para questionar a fronteira hierárquica entre animal e humano e pensar a distinção entre eles. De modo oposto, na citação acima, o olhar de Ulysse não busca a alteridade, mas o pertencimento, busca legitimar-se como superior e aventar aqui que, por isso, percebe essa “alma” em seres que manifestam inteligência. Contudo, ao olhar para Nova que é um ser humano do sexo feminino, ele não consegue ver essa alma, percebendo nela apenas um animal instintivo.

Durante a viagem, em nossas conversas a respeito de eventuais contatos com seres vivos, evocávamos criaturas disformes, monstruosas, com um aspecto físico bem diferente do nosso, mas sempre supúnhamos tacitamente nelas a presença do espírito. No planeta Soror, a realidade parecia completamente ao avesso: estávamos às voltas com habitantes semelhantes a nós do ponto de vista físico, mas que pareciam completamente destituídos de razão. Era de fato esta a significação do olhar que me perturbava em Nova e que encontrei em todos os outros: a falta de reflexão consciente, a ausência de alma. (Boulle, 2015 [1963], p.27)

A partir daí, percebe-se um personagem em conflito quanto às suas percepções sobre corpo e alma, enraizados na cultura humana, tendo o homem enquanto mente e a mulher enquanto corpo. Ulysse enxerga em seu semelhante, ou na mulher criada a partir do homem, a materialidade física do conceito humano. Por outro lado, o intelecto,

associado à alma, em outro ser não-humano, a símia Zira, que para ele não representa nenhum dos construtos compreendidos como comuns: nem a alma de um homem, nem o corpo de uma mulher.

Assim, é importante que se enfatize que em ambos os dualismos hierárquicos mente/corpo e sujeito/objeto, o sujeito privilegiado é o masculino. [...] Em Platão, há dois mundos distintos, o das ideias, um mundo perfeito e imutável, e o mundo da matéria, imperfeito e transitório. A Alma é derivada do primeiro mundo, um princípio incutido no indivíduo antes de nascer; o corpo pertence ao mundo temporal, inconstante e derivado do mundo material. Por meio desse dualismo, Platão faz a leitura do mundo social. As almas superiores dos homens livres ou classe dominante tinham a capacidade de se desenvolver em direção ao bem, à beleza e ao racional. Na alma das mulheres e nos indivíduos de almas inferiores (escravos ou estrangeiros), a alma representa um déficit com relação ao elemento racional. (Schmidt, 2017, p. 306)

A partir do que aponta Schmidt, pode-se perceber que o logocentrismo é excludente e é uma ferramenta discursiva utilizada pelo patriarcado buscado naturalizar a subalternidade feminina sob a égide de uma falsa premissa de que o feminino está em um âmbito apartado, se encontrando mais conectado com a natureza e, portanto possuindo uma “alma menor”. Assim, Schmidt (2017) vai ao encontro de Derrida (2008) que vai demonstrar como o logocentrismo e, pois o antropocentrismo, em decorrência do *logos*, estão atrelados a visão de mundo e ao pensamento filosófico.

Eles não levaram em consideração o fato de que o que eles chamam de “animal” poderia olhar para eles e se dirigir a eles de lá, de uma origem totalmente diferente. Essa categoria de discurso, textos e signatários (aqueles que nunca foram vistos por um animal que se dirigiu a eles) é de longe a que ocorre com mais abundância. (Derrida, 2008, p. 13)

Dessarte, a visão proposta por Derrida tece uma crítica dupla à obra de Boulle, pois ela se inscreve primordialmente em uma visão pós-humanista, ou seja, se dá a partir da centralidade do humano, pelo viés da racionalidade, já que a obra traz macacos que possuem *logos*. O que Derrida começa a escrutinar é a possibilidade de descentralização uma vez que se rompe com um ideal logocêntrico perfurando o véu antropocêntrico de visão de mundo. Tem-se, portanto, a possibilidade de uma leitura e denúncia de subalternidade, e, se por um lado, temos a dominação representada ora por humanos, ora por macacos na obra de Boulle, Bazterrica possibilita uma atualização dessa leitura, incluindo a essa crítica da obra, a questão do feminino enquanto um ser dicotômico, tanto humano quanto animal.

É nessa discussão que a autora redimensiona a opressão através do *logos*, tanto do feminino como de animais não humanos. No excerto abaixo, pode-se perceber um comparativo entre o corpo feminino e o devir animal em *Saboroso cadáver*

Deita-se a seu lado, bem perto, sem encostar nela. Sente o calor do corpo, a respiração lenta, pausada. Aproxima-se mais um pouco. Respira no ritmo dela. Lento, mais lento. Sente seu cheiro. É forte porque está suja, mas ele gosta, parece o cheiro inebriante de jasmim, selvagem e agudo, alegre. Sua respiração se acelera. Algo o excita, essa proximidade, essa possibilidade. (Bazterrica, 2022, p. 81)

O protagonista da obra, Marco, parte de uma leitura da mulher como selvagem: a relação se dá entre criatura e natureza, o que a coloca na posição de um ser vazio de significados e, pois passível de colonização, uma vez que seu contato com esse corpo dito ou concebido como “natural” remonta a exploração da terra, como pontuado anteriormente por Anette (1975). A relação estabelecida entre as obras também pode ser conectada com a ideia apontada por Rousseau (1754) de que o existe um estado natural do homem e que ao afastar-se desse construto, tende ao mal. A definição de bondade e maldade é evidentemente arbitrária para um universo feminino ou masculino, pois o que se tem em cenários patriarcais são os homens “bons” colonizando e explorando “recursos naturais”, dentre eles, as mulheres.

A partir da desconstrução do “ser”, ele passa a ser um recurso natural. Pensar a natureza como recurso é remontar a uma lógica Heideggeriana (1977), na qual a natureza é vista pelos seres humanos primeiramente como produto. Logo, o ser humano não se aproxima de uma árvore por sua imanência, mas pelas coisas que pode obter a partir dela, como sombra, lenha para fogo, para construir abrigo, enfim, servir-se. Essa lógica se aplica também a figura feminina que é frequentemente associada como selvagem e é vista como um ser irracional pelo fato de fazer parte desta “natureza livre”.

Considerando-se que a espécie humana se constitui de natureza e dela é constituída, vemos a negação daquilo que é natural quando o dispõe em um lugar de rebeldia ou que não obedece às leis de domínio patriarcal. É nesse espaço que se constitui o corpo feminino humano ou símio, que é objetificado, experimentado, utilizado e, por fim, descartado.

Com raízes na epistemologia patriarcal sobre a diferença entre os sexos, pode-se dizer que o dualismo natureza/cultura produziu a moldura dominante do mundo declinado pelo masculino em suas relações de uma relação com um ser menos humano, uma categoria entre o humano e o não humano que veio a ser mulher, definição decorrente da racionalização do mimetismo biológico que ratificou as representações de uma relação pretensamente “natural” do corpo das mulheres com a natureza. (Schmidt, 2017, p. 394)

A partir da metafísica da presença e da exclusão do feminino, apontado por Schmitt, é possível observar que a questão da racionalidade é posta em ambas as obras; contudo, enquanto em *Planeta dos Macacos* (1963 [2015]) essa discussão se insere em um discurso de naturalização da subalternização feminina e de massificação do ideal humano (ainda

que este seja visto como androcêntrico) em *Saboroso cadáver* (2022) essa discussão se amplia e coloca explicitamente o feminino em uma situação opressora, permitindo assim uma crítica a essa condição e colocando-se contra o *status quo*.

Assim, apesar de poder-se observar uma grande similaridade entre as obras sob a ótica crítica sugerida neste artigo, a grande diferença entre ambas está nas questões escolhidas para debate em cada autor, e essa diferença é pautada principalmente por uma ideia de literatura característica no contemporâneo, muito mais evidente na obra de Bazterrica. A autora escreve a partir de um lugar não-europeu, latino americano e de uma subjetividade feminina, o que por si só já posiciona as discussões acerca da opressão com um certo protagonismo em relação à Boulle, um homem que escreve na França na década de 60, em um período e em um núcleo cultural despreocupado com pautas políticas, principalmente no que tange questões de gênero.

3 A negativa da maternagem e da posse da prole

A maternidade é uma questão premente na obra e ganha contornos interessantes tanto por questões essencialistas atreladas ao feminino, como o mito do amor materno, apregoadado por Badinter (1985) como por trazerem o processo de maternagem atrelado ao logos e ao poder. É na possibilidade de maternidade, que veremos uma “emancipação” do sujeito feminino.

Corpos humanos, em ambas as narrativas, são vistos como produtos. Em *Saboroso Cadáver* (2022), corpos são consumidos como alimento e em *Planeta dos Macacos* (1963 [2015]) os corpos humanos são utilizados para testes científicos e caçadas ou como animais de estimação e companhia. Contudo, em ambas as obras, a figura de certos corpos femininos é vista como um corpo produto e produtor. Ao mesmo tempo que esses corpos são utilizados para o objeto de prazer masculino, ela também é um corpo que produz e é capaz de gerar um produto/filho. A transformação do corpo em carne, pesquisa, objeto, ou consumo dá ao seu proprietário a liberdade de usá-lo da forma que desejar. O tratamento do corpo como produto parte a partir da desconstrução dele como “ser”, que é desumanizado, destituído de alma.

Contudo, outros corpos femininos detêm um estatuto superior e podem ser mais do que matriz⁴ ganhando, quando produzem prole, o estatuto de mãe e a possibilidade de maternagem da cria. Susan Griffin (2015) em seu texto *Woman and Nature: The Roaring Inside Her*, conecta a exploração do feminino à sofrida por animais não humanos. A maternidade, nesse sentido, é colocada como um papel produtivo e o corpo feminino como

⁴ Conceito zootécnico atrelado às fêmeas, que é de interesse produtivo, selecionadas para produção de crias que serão comercializadas.

mera ferramenta para esse fim.

Ainda assim, a noção de maternidade é vista socialmente como um ganho, uma elevação à identidade feminina, não podendo estar atrelada a seres narrados como inferiores e animalizados.

E Nova não protesta! Admite aquela carícia, que deve ser rotineira. Pensando na antipatia que demonstrava antigamente por Zira. “Não posso deixar de ver nisso um novo milagre. Saímos. Tremo dos pés à cabeça e percebo que Zira está tão emocionada quanto eu”. Ulysse exclamou, enxugando uma lágrima– Às vezes acho que esse filho também é meu. (Boulle, 2015 [1963], p. 204)

Como pode-se perceber no excerto da obra, o personagem Ulysse reconhece a criança gerada por Nova como filho, constatando o protagonismo masculino que assume uma posição enquanto a personagem feminina é um papel a ela atribuído. Observa-se em ambas as narrativas que o papel de maternidade é atrelado ao feminino, pois assim como na obra de Boulle, em *Saboroso cadáver* também uma criança é retirada da mãe biológica e adotadas por outras mulheres.

[...] a perpetuação da sociedade exige que alguém crie filhos, mas nossa linguagem, ciência e cultura popular tornam muito difícil separar a necessidade de cuidado da questão de quem deve cuidar. É difícil separar as tarefas relacionadas ao cuidar dos filhos, em geral executadas por mulheres [...], das próprias mulheres (Chodorow, 1978, p. 57).

Nancy Chodorow demonstra o como o papel do cuidado é importante na sociedade e como ele se imbrica na figura do feminino. Uma vez que a prole é reconhecida, a partir de sua paternidade, como humana e, pois racional, ela deve ser cuidada e, para tal, um feminino deve emergir e tornar-se mãe e cuidadora deste ser. Das obras analisadas neste artigo, traz-se o exemplo de Zira e Cecília, que por mais que não gerem um filho, elas assumem o papel referente à maternidade ao reconhecerem o filho, de Nova ou Jazmín, como seu. A partir disso, as crianças passam a ter direitos que lhe seriam negados caso permanecessem com suas mães biológicas, passando a ocupar uma posição social privilegiada pelo afastamento do ambiente “animalesco” de suas mães. Ainda que Nova tenha ocupe uma posição diferente em comparação a Jazmín, ambas adotam as crianças. Na obra de Boulle, é Ulysse, o pai, quem vai ensinar a criança a ser racional, não deixando assumir ou copiar os atos “animalescos” da mãe.

A partir de uma analogia com a mitologia cristã, adentramos no pensamento bíblico de que o homem como “ser filho de Deus” e, por isso, racional, o que se funda em pensamento de que Deus criou o homem como seu semelhante e dotado de alma, já a mulher seria esse ser desprovido do racional e da alma. Deus é descrito como o ser que detém o poder de “criar a vida”, o grande criador, e devido a esse título ele é visto como o

ser supremo. O corpo feminino tem a capacidade de gerar/criar uma vida nova, um ser semelhante ao homem criado por Deus, mas não é visto aos olhos dos demais como “um criador” e sim como um receptáculo, sendo apenas o objeto em formato de recipiente que “guarda” ou “contém” os seres criados por Deus, ela apenas os concebe.

Nesse mesmo viés, nas obras, as personagens não recebem o direito de assumir sua posição como “mãe”, tendo direito a tutela da cria apenas o genitor, ou aquele que possui *logos*. Em *Saboroso cadáver*, lê-se:

Cecília se assusta com o golpe e olha sem entender. Ela grita: "Por quê? Ela podia nos dar mais filhos." Enquanto arrasta o corpo da fêmea até o galpão para abatê-lo, ele responde com uma voz radiante, tão branca que machuca: "Tinha o olhar humano do animal domesticado". (Bazterrica, 2022, p. 180)

Como é possível perceber na passagem acima, Jazmín é considerada um animal e acaba tendo como função a produção de um filho, além de ser o animal domesticado por Marco. Uma vez que dá a luz, ela não tem mais serventia para esse fim. A personagem será abatida e seu corpo será utilizado para consumo. A questão do olhar remonta ao já citado texto de Derrida (XXXX), pois ela parte de um movimento de alteridade. Assim, ao constatar em Jazmín um “olhar humano”, uma alma, a personagem opta por matá-la e não lidar com o redimensionamento daquele corpo enquanto seu igual. O mais fácil para ele é descartar a personagem, mantendo apenas o filho, que poderá ser emancipado ao estatuto de “humano”.

Jazmín tem negada a sua possível maternidade; contudo, esse trabalho, visto o aporte desconstrutivista, posiciona-se criticamente acerca de uma essencialidade do amor materno. No caso de Jazmin, ela não tem a escolha de amar e criar sua prole de maneira, ainda que tente aproximar-se da criança “Jasmine apenas move as mãos tentando abraçar o filho. Ela quer falar, gritar, mas não há sons.” (2022, p. 356). Pode-se pensar na figura de Jazmín como um “recurso natural”, pois como é um produto com útero, tem capacidade de produzir algo novo, que por sua vez, dependendo da posição do ser dominante em, escolher ou não, que o produto, originado da matéria prima, ocupe uma posição de ser dotado de *logos*, e por consequência, torne-se um “ser” social. Contudo, em *Planeta dos Macacos*, há uma ideia de inatismo, de normalidade de um amor entre mãe e filho que é biologicamente condicionado, o que pode ser visto na passagem:

Com o coração em pânico diante daquela sucessão de horrores, comentados por um chimpanzé antipático, vi homens em parte ou totalmente paralisados, outros, privados artificialmente da visão. Vi uma jovem mãe cujo instinto maternal, antes bastante desenvolvido, me assegurou Helius, havia desaparecido completamente após uma intervenção no córtex cervical. Passou a repelir com violência um de seus bebês, sempre que ele tentava se aproximar. Aquilo era demais para mim. Pensei em Nova, em sua maternidade próxima, e apertei os punhos com raiva. Felizmente, Helius me fez passar a outra sala, o que me deu tempo de me recobrar (Boulle, 2015)

A relação maternal é tolhida por intervenção cirúrgica, denotando que o dito “instinto materno” é inerente ao feminino, como algo intangível mas também um aspecto sobre o qual se tem domínio clínico, visto a possibilidade de retirá-lo da mãe. A preocupação do protagonista, contudo, volta-se para Nova, cuja única função é garantir a sobrevivência da cria, adotando, assim, um papel de manutenção, abrindo ao questionamento sobre o que Ulysse faria *se e quando* essa fêmea se tornasse obsoleta.

Esses questionamentos acerca das personagens na literatura, levantam questões importantes para o pensamento sobre a maternidade na sociedade. Sobre esse tropo, Elisabeth Badinter cunha o termo “amor materno”, colocando essa esfera de cuidado como algo construído socialmente e mitificado de modo a assegurar o cuidado do feminino com sua prole.

A maternidade torna-se um papel gratificante pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa ‘nobre função’ [...] indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma ‘santa mulher’. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho (Badinter, 1985, p. 223).

Assim, retoma-se as questões atreladas ao pensamento religioso que relaciona a mulher como uma correspondente de Deus, pois quando torna-se mãe, torna-se também submissa à vontade do filho. Além de toda a carga que as mulheres já carregam do âmbito doméstico e social, deve tornar-se devota ao filho, deve atender às suas vontades a qualquer hora e amá-lo incondicionalmente. Essa idealização do desejo de tornar-se mãe está representada na personagem Cecília, que teve um aborto espontâneo e via negada a possibilidade da maternidade por fins biológicos.

Entram no quarto e ela vê uma mulher grávida na cama. Olha para ele com tristeza, com certo espanto e com alguma perplexidade, até que se aproxima mais e vê a marca de fogo que a mulher tem na testa. - O que uma fêmea está fazendo na minha cama? Por que você não chamou um especialista? - É meu filho. Ela olha para ele com nojo. Afasta-se alguns passos, fica de côcoras e segura sua cabeça, como se tivesse uma queda de pressão. - Você está louco? Quer acabar no Matadouro Municipal? Como pôde ficar com uma fêmea? Você é doente (Bazterrica, 2022, pp. 178-179).

Na passagem acima, percebe-se que a palavra “tristeza” é índice do sentimento de inveja, uma vez que a sua primeira leitura da cena é a de que Marco está com uma mulher que conseguiu fazer o que ela não conseguira: dar-lhe um filho. Contudo, ao perceber a marca de fogo, ela destitui Jazmín do estatuto de ser humano e de mãe. “Ele se levanta e entrega o filho para Cecília, que começa a embalá-lo, canta para ele. Ele diz a ela ‘agora é

nosso". (Bazterrica, 2022, p. 180). Ao mesmo tempo em que tem um primeiro movimento moral de repulsa, uma vez que Jazmin não é lida como um corpo humano, ela tem a possibilidade de ser mãe através daquele outro corpo e para tal, vai de encontro com a moral apregoada por ela mesma na citação acima.

Em ambas as obras, a geração dos filhos provém da relação sexual, porém, devido a não existência de racionalidade das fêmeas, reflete-se sobre o ato ser ou não consentido das figuras femininas. Em *Planeta dos Macacos* (Boulle, 2015 [1963]) o consentimento é claro pela perspectiva do personagem que faz a leitura de códigos com sentidos explícitos. Por outro lado, em *Saboroso Cadáver* (2022), apesar da cena ser romantizada por Marco no momento da relação com Jazmín, a falta de consciência desse ser subalterno impede que a personagem tenha autonomia para consentir, questão moral afirmada por Cecília que não considera o fato como traição e ainda aponta como zoofilia.

Ainda assim, é importante perceber que ambas as obras levam a uma ideia de legado masculino, o qual é reificado pela presença dos filhos. Se Nova e Jazmín não têm noção do que significa o ato sexual, Ulysse e Marco não só têm, como buscam protegê-las na gravidez com o intuito de proteger sua futura linhagem. Assim, as personagens tornam-se o meio para um fim, o qual, como visto, é colocado de modo extremado em Bazterrica, uma vez que Marco mata Jazmín quando teve seu objetivo cumprido.

Considerações finais

Esse trabalho buscou, através do diálogo entre *Saboroso Cadáver* (2022) e *Planeta dos Macacos* (2015 [1963]), demonstrar como é feita uma atualização na questão do *logos* proposta pela narrativa de Boulle. Em Bazterrica, há uma forte discussão acerca da subalternização com base na racionalidade, mas percebe-se que, diferente da obra de Boulle, *Saboroso cadáver* busca romper com naturalizações que perpassam *Planeta dos Macacos* de modo essencialista.

A narrativa de Boulle permite perceber o quanto o machismo estrutural perpassa a literatura e a formação de seus *não-lugares*. Mesmo protegendo uma sociedade futura e tencionando questões sobre racionalismo, logocentrismo e antropocentrismo, a narrativa traz marcas de um discurso amplo de humanidade, mas que não incluem de fato o feminino. Para um pensamento eurocêntrico, Nova é índice de um feminino que, como os povos originários, está pronto para ser colonizado, utilizado e consumido. Ainda assim, tudo é desculpado, pois trata-se de uma fêmea "selvagem".

Em Bazterrica, Jazmín não é menos objetificada, mas a narrativa marca corporal e visceralmente, as distinções de seu gênero. Ela não serve apenas como carne, mas além das destituições próprias da distopia, deve saciar as necessidades sexuais do protagonista,

deve dar-lhe um filho e só após isso, ela pode então ser objetificada e consumida como o resto dos corpos masculinos subalternizados pelo sistema. Bazterrica mostra um corpo duplamente oprimido, por seu direito de nascimento e por seu gênero.

A questão da alma está posta em ambas as narrativas. Vê-se que ambas vão ao encontro de Schmidt (2017) ao demonstrarem que o conceito de humano é androcêntrico. Nova não tem alma, tem olhos animais e, por isso, não pode ser considerada como companhia adequada para Ulysse. Jazmín ao representar um olhar humano, e, portanto, uma alma, é morta, pois ela rompe com a regra básica para sua subjugação ser lida como inferior. Nesse sentido, a leitura de Derrida (2008) sobre alteridade, ao ser observado por um gato, é interessante, pois a percepção de uma alma ou de algo nesse ser, o emancipa ao mesmo espaço de centralidade de quem o observa. Marco e Ulysse jamais chegam a alteridade com Jazmín e Nova e isso não lhes é interessante, pois sua relação com as personagens é a de objetificação, consumo e colonização (em um sentido lato).

O fato de Marco e Ulysse terem relações com as personagens não significa que eles tiveram realmente algum carinho ou emoção humana por elas. A relação que ocorreu entre os personagens não foi um tratamento entre seres iguais, a descrição que se percebe é de uma relação entre ser/objeto e, conseqüentemente, a afeição por objetos, pois eles proporcionam diferentes tipos de prazer e entretenimento. O produto de ambas as relações é um filho, o qual não é inteiramente colocado na tutela da genitora, pois, como pôde ser observado nesta análise, Zira entende esse filho como sendo também seu e essa possibilidade para ela, enquanto ser dotado de mais *logos* que Nova, é poder, a qualquer momento, retirar a criança da personagem. No mesmo sentido, imediatamente após o parto, Cecília se reconhece como mãe da cria de Jazmín, a qual não consegue jamais alcançar fisicamente o recém nascido.

A análise entre as obras serve para reforçar ou afirmar o quanto o tema da desumanização não está associado ao feminino, uma vez que este já sofre uma desumanização anterior. Ulysse sofre com a sua desumanização, pois sempre foi lido como um ser dotado de “alma”, contudo o feminino está em outra esfera. Esse tratamento patriarcal para com o feminino é tão potente que se naturaliza na obra de Boulle, que parte de um discurso sobre humanidade, mas que atrela esse conceito de modo distinto entre as personagens.

Por fim, salienta-se que esse trabalho tangencia questões de representatividade, demonstrando que a narrativa de Bazterrica traz um olhar diferente e embativo, já que se trata de um não lugar que se projeta a partir das visões de mundo da autora, as quais são, como também o é em *O planeta dos macacos*, genderizadas. Percebe-se que a criação de sociedades quer sejam utopias quer distopias, historicamente se constroem a partir do olhar e da manutenção de uma visão patriarcal de sociedade, a qual se inscreve sob a pena

de autores que se privilegiam por seu gênero nesse cenário. Assim, é na possibilidade de agência de outras minorias, que falem de outros lugares que não os espaços de poder, que outros espaços discursivos ou não lugares podem emergir.

Female bodies in the literary works *O Planeta dos Macacos* and *Saboroso Cadáver*

Abstract

The purpose of this paper is to establish a relationship between the novels Planet of the Apes (2015 [1963]), by Pierre Boulle, and Tender is the Flesh (2022), by Agustina Bazterrica. Boulle's work deals with issues of dehumanization and subalternity bedrocking this objectifying act on logos. The approach made demonstrates that this discussion is updated by Bazterrica, as she proposes a reinterpretation of the place occupied by the feminine as well as the moral issues related to rationality and dehumanization, the starting point of this analysis. The interesting thing about this comparison is that the subservience and exclusion of the feminine as a rational being endowed with a "soul" denounced by Tender is the flesh is also present in Planet of the Apes, but in a naturalized way. Thus, this analysis starts from an analytical and comparative study to think about the trope of dehumanization linked to the feminine, in the characters "Nova" and "Jasmine". As will be seen, both characters become objects in a logic that legitimizes the being that has control based on an abstract notion of rationality. Furthermore, its dehumanization is also linked to production mechanisms and motherhood.

Keywords: Dehumanization. Feminine. Dystopia. Rationality. Maternity

Referências

- BAZTERRICA, Agustina. **Saboroso Cadáver**. São Paulo: Darkside, 2022.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOULLE, Pierre. **O Planeta dos Macacos**. Tradução: André Telles. São Paulo: Aleph, 2015 [1963].
- CAVALCANTI, Ildney; DEPLAGNE, Luciana C. Apresentação. In: CAVALCANTI, Ildney; DEPLAGNE, Luciana C. (org.). **Utopias sonhadas/distopias anunciadas: feminismo, gênero e cultura queer na literatura**. João Pessoa: UFPB, 2019. p. 9-21.
- CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud partir da mulher**. Rio de Janeiro: Editora Rosa do tempo LTDA, 1978.
- CLAEYS, Gregory. "The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell". In: CLAEYS, Gregory (Ed.). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: U of Cambridge P, 2010. 107–31.
- CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History**. New York: Oxford University Press, 2017.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques. *The animal, therefore I am*. New York: Fordham University Press, 2008.

GRIFFIN, Susan (1978). **Woman and Nature: The Roaring Inside Her**. New York: Open Road, 2015.

HEIDEGGER, Martin. "The question Concerning Technology". In: HEIDEGGER, Martin (Ed.). **The question Concerning Technology and other essays**. London: Garland Publishing, 1977. p. 3–35.

MARQUES, Eduardo Marks de; PEREIRA, Ânderson Martins. "A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia: uma análise das trilógicas Divergente e A 5ª onda". **Ilha do desterro**, Florianópolis, Vol. 70, No. 2, p. 119–127, 2017.

HAYLES, N. Katherine. **How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e se é a autorizada pela lei natural**. 1754. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2284. Acesso em: 23 nov. 2023.

SCHMIDT, Rita T. **Decentramentos/Convergências: Ensaaios de Crítica Feminista**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.